

Impressão do Espaço Sagrado: a centenária Igreja Evangélica de Confissão Luterana em São Paulo

Cristiane Ribeiro de Mello Araujo*

Introdução.

A escolha desse tema pode parecer um pouco estranha, mas é justificável de varias maneiras:

A igreja Martin Luther esta comemorando 100 anos da oficialização (1907) e da inauguração de seu templo (1908-2008)

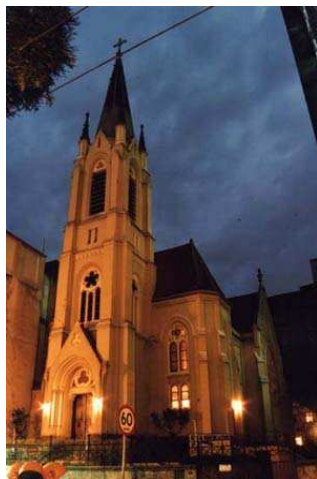
Tem importância por seu estilo arquitetônico

Tem importância pelo período da historia que se instalou em São Paulo

E é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – ISPHAN

A forma de escrita deste artigo pode parecer estranha e até extravagante ao usar imagens entremeadas ao textos, o que não é nada convencional em algumas áreas acadêmica; mas solicito ao leitor que veja as imagens como textos que trazem a luz, principalmente aquele que ainda não teve a oportunidade de presenciar esse espaço, cenas descritas. Esse recurso será usado a fim de demonstrarmos os sinais como citados por Durkheim.

Mas o que é necessário e possível é indicar certo numero de sinais exteriores facilmente perceptíveis que permitam reconhecer os fenômenos religiosos por toda a parte onde se encontrem e que impeçam que sejam confundidos com outros. (DURKHEIM, 1989, p.53)



Com o titulo uma “Rocha firme na metrópole” encontramos esse pequeno relato histórico, Paulo Hebmüller, na internet

[...] Tentativas de formar uma comunidade evangélico-luterana em São Paulo remontam a meados do século 19, mas por vários motivos elas fracassam. Somente no final do século, com a proclamação da República e a separação entre Igreja e Estado, chega-se a uma

* Arquiteta Urbanista e Mestre em Ciências da Religião - prof_cristianearaujo@hotmail.com

¹ Imagem do site <http://www.luteranos.com.br/categories/Comunidades/>

ISSN: 1980-9824 | Volume III - Ano 2 | Novembro de 2007
organização duradoura. Até então, as famílias eram atendidas pelos pastores das cidades de Rio Claro e Campinas.

A data que representa a fundação é 29 de outubro de 1891, quando o pastor Emil Bamberg reúne 80 famílias e institui-se a "Egreja Evangélica Alleman". Seus estatutos, entretanto, são publicados apenas em 1907. Enquanto organizam-se campanhas e arrecadam-se doações para a construção de um templo próprio, os cultos são celebrados numa Igreja Presbiteriana. (HEBMÜLLER)

A vinda dos luteranos para a cidade de São Paulo

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana de São Paulo (IECLSP)

Seu início foi um tanto devagar e pouco estruturado, em 29/10/1858. De fato aconteceu somente em 29/10/1891 com a construção da igreja denominada "Igreja Evangélica Alemã". O registro jurídico no Diário Oficial, aconteceu em 1907.

A vila de São Paulo, foi fundada em 1554 na confluência dos rios Anhangabaú e Tamanduateí. Consta nos relatórios históricos da Igreja luterana que em 1858, havia se dado o início da Igreja Luterana na cidade de São Paulo. Até 1872, era pequena, desordenada e entorno do núcleo central havia um cinturão de chácaras. São Paulo já era conhecida como cidade acadêmica por causada Faculdade de direito fundada em 1828, e a partir das campanhas abolicionistas (1871-1888), da estrada de ferro (1872) e do desenvolvimento da cafeicultura, que vemos a grande necessidade de mão de obra assalariada e o incentivo do governo federal às imigrações (1888).

Ao contrário do que aconteceu em outras localidades do país, os evangélicos luteranos chegados a São Paulo não se organizaram autonomamente em comunidades sem a presença de um pastor. Embora sempre houvesse a presença de famílias evangélicas na cidade, desde muito cedo, 1858, se experimentaram dificuldades para estabelecer Igreja em cidade.

O acompanhamento das famílias da capital era feito de forma precária a partir do interior (Rio Claro e Campinas). Consta que o primeiro culto ocorreu na residência do Sr. Schaumann, fundador da "*Botica o Veado D'Ouro*".

Podemos então notar que os imigrantes protestantes proto-alemães (teutos), especialmente os luteranos, fizeram parte e contribuíram para a história e desenvolvimento de nosso país, e especificamente da cidade de São Paulo.

Igreja Martin Luther

Entre os relatos da presença de luteranos em São Paulo, 1858 e o lançamento da pedra fundamental da primeira igreja 1906, há quase cinco décadas de história. Tentativas de formar uma comunidade evangélico-luterana em São Paulo remontam a meados do século XIX, mas por vários motivos elas fracassam. Somente no final do século, com a proclamação da República e a separação entre Igreja e Estado, chega-se a uma organização duradoura.

Com relação à implantação da igreja. É comum falar-se que os imigrantes alemães se estabeleceram na região de Santo Amaro – SP, então poderíamos

perguntar por que a igreja mais antiga não se localiza na zona sul de São Paulo, próximo de Santo Amaro? E através de uma leitura da urbanização de São Paulo a localização geográfica da igreja Martin Luther nos levaria ao pré-suposto que ela foi edificada na região central de São Paulo, pois ficava próxima da Estação da Luz, estação da estrada de ferro - inaugurada em 1872. Seria a igreja um ponto de referência para o imigrante recém chegado? Sabemos² que os luteranos já estavam presentes na cidade há quase meio século e que além dos grupos familiares que se instalaram em Santo Amaro, havia grupos de luteranos também na Vila Ema, na Vila Zelina e na Vila Prudente. A decisão com relação à instalação da igreja se deu por ser essa a região estava a uma distância proporcional das diversas comunidades luteranas já instaladas na cidade.

A data que representa a fundação é 29 de outubro de 1891, quando o pastor Emil Bamberg reúne 80 famílias e institui-se a "Egreja Evangélica Alleman". Seus estatutos, entretanto, são publicados apenas em 1907. Enquanto organizam-se campanhas e arrecadam-se doações para a construção de um templo próprio, os cultos são celebrados numa Igreja Presbiteriana.

O impulso definitivo para que se erguesse um templo vem em 1906, com a doação de um terreno, cedido pelos senhores Daniel e Hermann Heydenreich. Em abril do ano seguinte lança-se a pedra fundamental do templo, mas somente no dia 25 de dezembro de 1908 - dezessete anos depois da constituição da Comunidade - é inaugurada a primeira "casa" dos luteranos em São Paulo. Localizado na Avenida Rio Branco, no Centro da cidade, o templo - o primeiro em estilo neogótico na capital - foi chamado inicialmente pelo nome alemão (Stadtkirche), passando a ser conhecido mais tarde como Igreja Matriz. Em 1991, foi "rebatizado" como Igreja Martin Luther.

Sua importância arquitetônica decorrer do fato, já citado, de ser essa primeira igreja em estilo gótico da cidade de São Paulo. Como vimos, ela foi inaugurada em 1908 - Av. Rio Branco -; as outras três igrejas desse estilo existente na região central de São Paulo tem sua inauguração em 1928 - a Igreja Metodista, na Av. Liberdade; em 1954 - a Catedral da Sé, na praça da Sé; em 1955 - a Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, a Rua Nestor Pestana, 136 e em 1959 - a Igreja da Consolação, na Av. da Consolação. Podemos acrescentar a isso o fato de que muitos alemães vindos para o Brasil vieram para trabalhar na construção civil, na época de efervescência arquitetônica que foi o período do café onde surgiram novas técnicas, novos programas, novos estilos por conta do crescimento do capitalismo nesse período.

Os tempos da I Guerra Mundial (1914-1918) trazem inúmeros problemas para os luteranos no Brasil, devido aos estreitos laços da Igreja com a Alemanha. O governo brasileiro corta relações diplomáticas com os alemães em 1917 e, em consequência, proíbe-se a celebração em São Paulo do culto que comemoraria os 400 anos da Reforma, em outubro daquele ano. Marcas desse passado ainda estão, por exemplo, no altar da igreja, onde um quadro eterniza em mármore os nomes de jovens de famílias da comunidade que morreram nos campos conflagrados da Europa.

² Conforme Sérgio Weber em Arquivos Luteranos no Estado de São Paulo - Relato dos trabalhos de organização dos arquivos citados, feitos pelo autor.



Reflexos da derrota alemã na guerra são sentidos inclusive numa crise financeira que abala a Comunidade. Os anos 20 e 30, do século XX, trazem grande agitação política na cidade e no país, o que prejudica o andamento de vários trabalhos. Mesmo assim, cresce significativamente o número de membros e cria-se uma rede de atividades de escola dominical para crianças e jovens em diversas regiões da cidade.

A Igreja volta a viver dificuldades decorrentes de um conflito armado com a eclosão da II Guerra Mundial (1939-45). O Brasil novamente corta relações diplomáticas com a Alemanha e, em 1943, envia tropas para lutar contra as forças do Eixo na Europa. Em 28 de maio daquele ano, uma reforma estatutária altera o nome da Comunidade para Igreja Evangélica Luterana de São Paulo. É um tempo em que os vínculos históricos dos cristãos luteranos com a germanidade passam a ser revisados e sopram novos ares defendendo mais profundidade na inserção definitiva da Igreja na realidade brasileira.

A crescente inserção da Igreja na realidade brasileira a partir do pós-guerra é visível numa curiosa estatística do jornal "A Cruz no Sul", órgão dos luteranos em São Paulo, em 1964. Nos dois³ templos então existentes, a frequência média aos cultos em alemão era muito maior do que nos ofícios em português. Na Igreja do Centro: 90 pessoas (port.) e 195 pessoas (alemão). Na Igreja da Paz: 30 pessoas (port.) e 223 (alemão). No espaço de quatro décadas que nos separa dessa época, a situação é absolutamente diversa.

A Igreja Luterana em São Paulo fala a língua que as crescentes dificuldades sociais impostas ao povo brasileiro exigem: do anúncio da Boa Nova que está em Jesus Cristo e da denúncia da injustiça e da miséria como pecados que afrontam a dignidade humana e da criação.

Conceitos trabalhados

O que é arquitetura

As definições das são para facilitar o entendimento do leitor ao que se segue, na leitura do espaço sagrado da Igreja Evangélica de Confissão Luterana em São Paulo.

³ Igreja Martin Luther e Igreja da Paz.

ISSN: 1980-9824 | Volume III - Ano 2 | Novembro de 2007

Em nossa introdução demos algumas definições e conceitos. O *Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa – Folha / Aurélio*, traz as seguintes definições para o termo de arquitetura:

1. Arte de criar espaços organizados e animados, por meio do agenciamento urbano e da edificação, para abrigar os diferentes tipos de atividades humanas. 2. O conjunto das obras de arquitetura realizadas em cada país ou continente, cada civilização, cada época, etc. 3. Disposição das partes ou elementos de um edifício ou espaço urbano. [...]

O arquiteto, Carlos A. C. Lemos, em *O que é Arquitetura*, afirma que a arquitetura, está sempre ligada à construção e que tem uma conexão com a beleza. Divide as construções em três grandes grupos: 1) as levantadas segundo um critério artístico qualquer, mas conhecida por todos; 2) as erguidas sem um desejo de se fazer arte; 3) e as construídas e nascidas ao acaso, por iniciativa de pessoas sem nenhum senso estético. Também observa que muitas obras tratadistas sobre teorias da arquitetura são baseadas em posições filosóficas. Diz que “A beleza é cogitação da estética, disciplina que, naturalmente, não é exclusiva da arquitetura e sim das artes em geral.” (LEMOS, 1991:9).

Sabe-se⁴ que para Platão, a arquitetura e todas as artes manuais implicam numa ciência que tem sua origem na ação e produzem coisas que só existem por causa delas e não existiam antes. São construções baseadas na melhor utilização dos materiais, tecnologia e com intenção plástica. Para Aristóteles, a arte da arquitetura era o resultado de certo gênero de produção esclarecida pela razão.

Várias são as definições de arquitetura. Algumas delas foram dadas por pessoas famosas, que disseram: ‘Goethe (1749-1832) [...] dizia que “arquitetura é a música petrificada”, enquanto Schelling (1775-1854) [...] que a “arquitetura é a força artística inorgânica da musica plástica”’. (LEMOS, 1991:33). Vitor Hugo (1802-1885) via a arquitetura qual um livro de pedra; como uma forma de registrar o que acontecia com a humanidade, ele dizia “[...] desde a origem do mundo até o século XV da era cristã, inclusive, a arquitetura é o grande livro da humanidade, a expressão principal do homem em seus diversos estados de desenvolvimento, seja como força seja como inteligência.” (CHOAY, 1979:324). Somente no final do século XIX e começo do XX é que textualmente surge o elemento **espaço**⁵

Até então, todos ficavam muito presos à construção, às paredes e nelas é que procuravam descobrir a beleza, dando razão a Hegel (1770-1831), que dizia que o problema da arquitetura consiste “em incorporar à matéria uma idéia”. Cremos que foi Auguste Perret (1874-1954) o primeiro a dizer que “arquitetura é a arte de organizar o espaço e é pela construção que ela se expressa”. E foi mais longe: “móvel ou imóvel, tudo aquilo que ocupa espaço pertence ao domínio da arquitetura” (LEMOS, 1991:35)

Ludwig Mies van der Rohe (1886-1969) diz: “Arquitetura é a vontade da época traduzida em espaço” (LEMOS, 1991:36). Antonio Sant’Elia (1888-1916) diz:

⁴ LEMOS, 1991:22-23

⁵ grifo nosso

“Arquitetura é o esforço de harmonizar o ambiente e o homem, tornando o mundo das coisas uma projeção direta do mundo do espírito” (LEMOS, 1991:36).

Ching no livro *Arquitetura: forma, espaço e ordem*, faz alusão da relação da arquitetura com o espaço⁶ deste modo: “[...]. À medida que o espaço começa a ser capturado, encerrado, moldado e organizado pelos elementos da massa, a arquitetura começa a existir.” (CHING, 2002:92)

O exercício que aqui se faz começa da forma do volume da Igrejas Evangélica de Confissão Lutera em São Paulo, para a leitura da massa que contém um volume de espaço, que por vezes se torna sagrado. No momento que este espaço tem como adjetivo sagrado, é que conseguiremos apreender os objetivos que levaram a execução de determinado desenho de projeto.

Arquitetura e Linguagem

Como vimos, arquitetura é vista por muitos como uma linguagem. Suger, ao referir-se a arquitetura religiosa, demonstra o pensamento de que ela é uma mensagem grafada para transmitir algo a alguém.

Vitor Hugo nos demonstra que a arquitetura é uma linguagem que evidencia o que está acontecendo com a sociedade, no momento da sua construção. Partindo do entendimento de que é uma linguagem, a arquitetura deve transmitir uma mensagem impressa no espaço e não algo que não faça parte do discurso da comunidade que a utiliza. Kevin Lynch⁷, no livro *O urbanismo*, diz que a imagem da cidade, assim como uma folha impressa, se for legível, poderá ser abrangente como um conjunto bem unido de símbolos reconhecíveis, facilmente identificáveis e facilmente integráveis dentro de um esquema (*pattern*) global. (ARAUJO, 2005:23)

A linguagem da arquitetura (e urbanística) inicialmente se decompõe em arranjo espacial (discurso do espaço em si mesmo) e o arranjo espacial sob a uma forma artística (discurso estético do espaço).

Mas qual a definição de espaço?

Só se começa definir o que é espaço a partir de meados do século XX, pois disciplinas que seriam necessárias para a abordagem do espaço começam a surgir a partir de 1900, como a psicanálise e outras. Até o século XX encontramos vagas definições de arquitetura que nos remetem à idéia de espaço, mas não o definem. Uma das mais práticas definições de espaço foi escrita por Lau-Tzu e se encontra no livro de Ching (2002:91)

Reunimos trinta raios e os chamamos de roda;
mas é do espaço onde não há nada
que a utilidade da roda depende.
Giramos a argila para fazer um vaso,
mas é do espaço onde não há nada
que a utilidade do vaso depende.
Perfuramos portas e janelas para fazer uma casa,
e é desses espaços onde não há nada

⁶ Esta definição será dada posteriormente

⁷ Estudou arquitetura, psicologia e antropologia.

ISSN: 1980-9824 | Volume III - Ano 2 | Novembro de 2007
que a utilidade da casa depende.

Portanto, da mesma forma que nós aproveitamos daquilo
que é,

Devemos reconhecer a utilidade do que é

Lau-Tzu

Tão Te Ching

Século VI a.C.

Semiologia da arquitetura? Construir uma semiótica do espaço, isto é num sentido mais simples, mais amplo possível e menos rígido: um conjunto de signos. O que se entende hoje por semiologia do espaço, semiologia da arquitetura, semiologia do espaço arquitetural.

Esse conjunto de signos que compõem uma arquitetura e que vamos analisar. Mas para que possamos iniciar a nossa análise ainda se faz necessário conceituar o que se entende por, ou o que chamamos de, espaço sagrado.

Espaço Sagrado

Renato Ortiz, ao escrever a apresentação (prefácio) da edição de *As formas elementares da vida religiosa*⁸, entendeu que Durkheim ao falar de religião a relacionava a um espaço. “Durkheim acentua sempre o lado consensual da religião, sendo a igreja o espaço no interior do qual as crenças e as práticas religiosas se articulam e se unem em torno de uma mesma comunidade moral.” (DURKHEIM, 1989:20). O autor está se referindo à igreja como a forma, que comporta, que acomoda, envolve o espaço. Este espaço é um espaço qualquer, exceto quando uma comunidade que possui uma mesma moral se reúne dentro deste espaço, adjetivando-o de sagrado.

Ching no livro *Arquitetura: forma, espaço e ordem* têm em seu glossário o termo espaço como “o campo tridimensional em que objetos e eventos ocorrem e têm posição e direção relativas, especialmente uma porção daquele campo reservada em uma determinada ocasião ou para um propósito especial” (CHING, 2002:381). Este autor também faz menção da relação da arquitetura com o espaço deste modo:

O espaço engloba constantemente nosso ser. [...] É uma substância material como a madeira e a pedra. [...] Sua forma visual, suas dimensões e escala, a qualidade de sua luz – todas essas qualidades dependem de nossas percepção dos limites espaciais definidos pelos elementos da forma. À medida que o espaço começa a ser capturado, encerrado, moldado e organizado pelos elementos da massa, a arquitetura começa a existir. (CHING, 2002:92)

Abbagnano: em seu *Dicionário de Filosofia*, define espaço, considerando-o “como o *recipiente* que contém os objetos materiais” (1998:349), afirma também que para Newton o espaço absoluto é sempre imóvel. E que Einstein utiliza a teoria clássica do espaço como posição ou lugar. A tese de realidade física ou teológica utiliza a teoria clássica, considerando-o um elemento ou uma condição do mundo ou mesmo um atributo de Deus. “O próprio Newton falou

⁸ edição do ano 2000

ISSN: 1980-9824 | Volume III - Ano 2 | Novembro de 2007
do espaço como *sensorium*, órgão mediante o qual Deus move as coisas”
(ABBAGNANO, 1998:351)⁹.

Percebemos com essas simples definições que a colocação do espaço proposta por Durkheim, como representação espacial, portanto pertencente ao campo da arquitetura; ele ainda faz um alerta para que não se confunda com “espaço temporal”, como vemos no trecho a seguir:

Para dispor espacialmente as coisas, é necessário poder situá-las diferentemente: colocar umas à direita, outras à esquerda, estas no alto, aquelas em baixo, ao norte, ao sul, a leste, ou a oeste etc., da mesma forma que para dispor temporalmente os estados da consciência, é preciso conseguir localiza-los em datas determinadas. [...] Todas essas distinções derivam, evidentemente, do fato de valores afetivos diferentes terem sido atribuídos às regiões. E como todos os homens de uma mesma civilização possuem uma mesma representação do espaço, é necessário evidentemente, que esses valores afetivos e as distinções que deles dependem sejam igualmente comuns, o que implica, quase necessariamente, que são de origem social. (DURKHEIM, 2000:40)

Quando Durkheim fala de espaço assim como quando fala de religião, esta falando de uma determinada representação comum a um grupo de seres humanos de uma mesma cultura. Dispor espacialmente algo é determinar o local, de forma a organizar para obter certo efeito estético ou de percepção. O autor determina que, é em relação a espaço “físico ou geográfico” que ele esta se referindo, quando começa a citar, coordenadas de localização - direita, esquerda, no alto, no baixo, ao norte, ao sul, a leste, a oeste, etc. -, também se refere ao espaço temporal – datas -. O autor fala de valores afetivos conferidos para as regiões. As representações de delimitação de regiões, espaços, são de caráter sócio-cultural, assim com a afetividade dada a esses espaços.

Segundo Eliade, para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, havendo duas porções qualitativamente diferente umas das outras. Há um espaço sagrado, “forte”, significativo, e há outros espaços não-sagrados, profanos, sem estrutura nem consistência. Essa experiência corresponde a uma “fundação do mundo”.

O espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso: valor cosmológico de orientação ritual e da construção do espaço sagrado. Porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia; e toda orientação implica na aquisição de um ponto fixo.

O espaço, para a experiência profana, é homogêneo e neutro. O espaço geométrico pode ser cortado e delimitado seja em que direção for. O que interessa à investigação de Eliade é a experiência do espaço tal como é vivida pelo homem não-religioso, que assume unicamente uma experiência “profana”, purificada de toda pressuposição religiosa. O homem que escolheu a vida profana não consegue suprimir completamente o comportamento religioso. Até a essência mais dessacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo.

⁹ apud Opticks, III, q. 31; Dover publ., p. 403

ISSN: 1980-9824 | Volume III - Ano 2 | Novembro de 2007

A revelação do espaço sagrado permite que se obtenha um “ponto fixo”, possibilitando a orientação na homogeneidade caótica, a “fundação do mundo”, o viver real.

A não-homogeneidade do espaço, vivida pelo homem religioso, pode fazer apelo a qualquer religião. Eliade escolheu como exemplo uma igreja, numa cidade moderna.

Para um crente, essa igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. (ELIADE, 1992:28)

A porta é o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode realizar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado. O limiar *mostra* de uma maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço, trata-se de um símbolo, por isso sua grande importância religiosa, e ao mesmo tempo, de um veículo de passagem.

“No interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido” (ELIADE, 1992:29). Ocorre em numerosas religiões: o templo estabelece uma “*abertura*” para o alto e assegura a comunicação como o mundo dos deuses.

No desejo do homem religioso de mover-se unicamente num mundo santificado, ou seja, num espaço sagrado. Essa é a razão para a elaboração de técnicas de orientação, que são técnicas de *construção* do espaço sagrado. Eliade diz que não se deve crer que se trate de um trabalho *humano*, que é graças ao seu esforço que o homem consegue consagrar um espaço. O ritual pelo qual o homem constrói um espaço sagrado é eficiente à medida que ele reproduz a obra dos deuses. “[...] então logo nos daremos conta de que o ‘mundo’ todo é, para o homem religioso, um “mundo sagrado”. (ELIADE, 1992:32)

Da perspectiva das sociedades arcaicas tudo que não é “*o nosso mundo*” não é ainda um “*mundo*”. Os territórios têm que ser “*criados*” através da consagração. Por isso os conquistadores portugueses e espanhóis ao tomarem posse de uma terra, o faziam em nome de Jesus Cristo e erguiam uma Cruz. A terra recentemente descoberta era “*renovada*”, “*recriada*” pela Cruz.

A relação íntima entre *cosmização* e *consagração* atesta-se já nos níveis elementares de cultura. A existência humana só é possível graças a essa comunicação permanente com o Céu. Conforme Eliade, não se pode viver sem uma “*abertura*” para o transcendente, ou seja não se pode viver no “*caos*”. Instalar-se num território equivale a consagra-lo.

No caso dos sedentários, implica uma decisão vital que compromete a existência de toda a comunidade.

“Situarse” num lugar, organiza-lo, habita-lo – são ações que pressupõe uma escolha do Universo que se está pronto a assumir ao ‘cria-lo’. Ora, esse ‘Universo’ é réplica do Universo exemplar criado e habitado pelos deuses participa, portanto, da santidade da obra dos deuses. (ELIADE, 1992:36)

Eliade cita uma fórmula do arquiteto Le Corbusier, “[...] a casa é uma “máquina para habitar”. Alinha-se, portanto, entre as inúmeras máquinas fabricadas em

série nas sociedades industriais' (ELIADE, 1992:48), deve ser funcional, permitindo aos homens trabalharem e repousarem a fim de assegurarem o trabalho.

A arquitetura sacra não faz mais portanto do que retomar e desenvolver o simbolismo cosmológico já presente na estrutura das habitações primitivas. A habitação humana, por sua vez, fora precedida cronologicamente pelo 'lugar santo' provisório, pelo espaço provisoriamente consagrado e cosmizado [...] Isso é o mesmo que dizer que todos os símbolos e rituais concernentes aos templos, às cidades e às casas derivam, em última instância da experiência primária do espaço sagrado. (ELIADE, 1992:55).

Os Templos, como modelos transcendententes, gozam de uma existência espiritual, incorruptível, celeste. Geralmente os projetos são revelados por sonhos.

Os modelos do tabernáculo, de todos os utensílios sagrados e do Templo, do povo de Israel, foram criados por Deus desde a eternidade e Deus foi quem os revelou aos seus eleitos.

Todo esse simbolismo foi retomado na basílica cristã e posteriormente na catedral. A igreja é concebida como imitação da Jerusalém celeste e ao mesmo tempo reproduz igualmente o Paraíso ou o mundo celeste. Mesmo assim ainda se percebe a cosmologia do edifício sagrado.

O interior da igreja é o Universo. O altar é o paraíso, que foi transferido para o oriente. A porta imperial do altar denomina-se também porta do paraíso.[...] O ocidente, [...] é a região da escuridão, da tristeza, da morte, a região das moradas eternas dos mortos, que aguardam a ressurreição do juízo final. O meio do edifício da igreja representa a Terra. [...] as quatro paredes do interior da igreja simbolizam as quatro direções do mundo. (ELIADE, 1992:58).

Ao ler essas afirmações de Eliade, me pergunto será que ainda hoje é assim? Também tenho a impressão de estar lendo um manual de "*Feng Shui*".

Uma das conclusões a que Eliade chega é que; "o Mundo deixa-se perceber como Mundo, como cosmos, à medida que se revela como mundo sagrado." (ELIADE, 1992:59). Outra conclusão é que se instalar em qualquer parte, habitar um espaço, equivale a reiterar a cosmologia, e portanto a imitar a obra dos deuses, assumindo a responsabilidade de "*criar*" o mundo que decidiu habitar.

Ordem e forma

Para que possamos complementar as definições a respeito de espaço faz-se necessário definir mais alguns termos que apareceram em nosso texto. Para tal, usaremos as definições que constam no glossário do livro de Ching.

O termo ordem relacionado à arquitetura quer dizer

Condição de disposição lógica, harmoniosa e compreensível, na qual cada elemento de um grupo está

ISSN: 1980-9824 | Volume III - Ano 2 | Novembro de 2007
aproximadamente disposto com referência a outros
elementos e ao seu propósito. (CHING, 2002:382)

E o termo forma

O formato e a estrutura de algo, enquanto contraponto de sua substancia ou material. Também a maneira de arranjar e coordenar os elementos e partes de uma composição a fim de produzir uma imagem coerente; a estrutura formal de uma obra de arte. (CHING, 2002:381)

Portanto, a forma e a maneira como a ordem está disposta.

Igreja e seus componentes arquitetônicos.

Nem sempre os termos utilizados na arquitetura são empregados com o mesmo significado que em outras áreas de conhecimento. Intentando um entendimento a respeito de alguns termos utilizar-nos-emos do glossário existente no livro *Arquitetura: forma, espaço e ordem*. (CHING, 2002:381-385)

“**Igreja** - Edifício para a *devoção* cristã pública.” (CHING, 2002:381). A igreja é composta por “**nártex** - Pórtico antes da nave de uma antiga igreja cristã ou bizantina, apropriada para penitentes. Também, um átrio ou vestíbulo de entrada que conduz à nave da igreja.” (CHING, 2002:382), “**vestíbulo** 1. [...]; 2. Pequeno saguão de entrada entre a porta da rua e o interior de uma casa ou edifício.” (CHING, 2002:385), “**nave** - A parte principal ou central de uma igreja, estendendo-se do nártex ao coro ou local reservado ao clero, geralmente acompanhada lateralmente por naves secundárias.” (CHING, 2002:382) e “**coro** - Espaço próximo ao altar de uma igreja reservado ao clero e ao coro, freqüentemente elevado acima da nave e separado dela por uma balaustrada ou painel.” (CHING, 2002:381).

Na igreja Martin Luther, além do nártex, do vestíbulo, da nave e do coro, vemos em sua implantação o “**pódio** - Massa sólida de alvenaria visível acima do nível do solo e que serve como a fundação de um edifício, especialmente a plataforma que forma o piso e subestrutura de um templo clássico.” (CHING, 2002:383).

Altar ou mesa da eucaristia

Altar¹⁰ é um termo que aparece diversas vezes na Bíblia¹¹ geralmente, como um local, memorial, e de sacrifício. Sacrifícios esses, ora, holocausto, ora, oblação¹², ora, libação¹³; há também altares de perfumes, incensos perfumados. No passado segundo a Bíblia altares foram erguidos com memoriais. Referimo-nos a ao espaço determinado para a celebração do ritual com altar no sentido de memorial.

¹⁰ Segundo o dicionário Aurélio “**1.** Mesa especial consagrada aos sacrifícios religiosos. **2.** Mesa, balcão ou bloco de pedra destinado à imolação de vítimas em holocausto ou a outros tipos de sacrifícios; ara.” (p33)

¹¹ Coletânea de livros “sagrados” cristãos. Esse termo aparece 43 vezes. Tendo destaque especial altar de holocausto Ex: 27 e 1 Rs: 8,64+ e altar de perfumes Ex: 30,1.

¹² Doações, ofertas, presentes

¹³ Segundo o dicionário Aurélio “**1.** Ato de libar. **2.** Entre os pagãos, ritual religioso que consistia em derramar um líquido de origem orgânica (vinho, óleo, leite, etc) como oferenda a qualquer divindade.” (p393)

A mesa de eucaristia, ou de comunhão, conforme Abmanssur (2004:128) “[...] não é um altar onde acontece o sacrifício dominical.”. O autor quando discorre sobre a localização e a função da mesa, cita que a maneira como o ritual da ceia acontece é que determina a ordem desta no coro. Vemos que os Luteranos no Brasil e na Alemanha procedem da mesma forma, “[...] os fiéis formam uma fila para receber o pão e o vinho.” (ABMANSSUR, 2004:129) Apesar de Abmanssur citá-la como mesa os luteranos também a citam como altar.

Paramentos e Cores

As cores utilizadas nos paramento¹⁴ da igreja luterana estão diretamente ligadas aos momentos do ano litúrgico (sendas eucarísticas). São paramentos: talares, albas, veste litúrgica, panos de parede, estolas, toalhas para santa ceia, marcadores de página e paramentos para o altar e o púlpito. Seus desenhos nos trazem símbolos que têm a função de relacionar-se a conteúdos cristãos e mostrar a face do povo brasileiro, com figuras que nos remetem aos povos indígenas. Na oficina foram elaborados quatorze paramentos para o ano litúrgico, entre eles destacamos o paramento da *Páscoa* que mostra três mulheres em frente à pedra do tumulo de Jesus; o paramento do *Natal* traz a estrela apoiada sobre a manjedoura; o paramento *Ecumene* apresenta as quatro cores litúrgicas. As cores são: verde, vermelho, lilás e branco.

O lilás ou roxo é utilizado durante o advento e a paixão.

O vermelho é usado no pentecoste e na data comemorativa da reforma.

O verde é usado no tempo comum.

O branco é usado no natal, na páscoa, na trindade e na epifânia.

Há também o preto (eternidade) usado no fim do ano eclesiástico.

Uma vez que já explanamos um pouco da formação da Igreja Luterana, sua chegada e estabelecimento no Brasil e no espaço delimitado ao nosso artigo que é a cidade de São Paulo, mais especificamente a Igreja Martin Luther, se demonstrou oportuno expormos alguns conceitos para que de posse dessas “ferramentas” possamos desenvolver a análise do espaço sagrado da Igreja Luterana.

Espaço Sagrado Luterano

Arquitetura interna e estética do culto

Descrição do que se vê a partir do tecido urbano, e tendo a história como um instrumento, para dentro até chegar à descrição do culto e da sacralidade do espaço.

A igreja Martin Luther, hoje é uma igreja enclausurada entre dois edifícios, um hotel e um arranha-céu residencial. Antigamente, como se pode ver na foto de 1950, ela era muito mais proeminente na paisagem de São Paulo.

¹⁴ Essa informações foram dadas pela senhora Valéria responsável pela oficina de paramentos



Igreja na década de 50

Símbolos, formas, significados, conteúdos.

O Coro



1.1.1. Martin Luther

A ordem referente ao altar da Martin Luther, vê-se uma mesa, de madeira, que fica ao fundo, mas um pouco distante da parede. Esta mesa fica recoberta por uma toalha branca, bordada a mão, e bem ao centro um tecido de outra cor – que no dia em que foi tirada essa foto era verde. Sobre este tecido cuja cor muda conforme os períodos do ano litúrgico, vê-se um crucifixo, de madeira escura, com a imagem de Jesus Cristo pregado nele, com a cora de espinhos e um tecido sobre a região pélvica. Na frente do crucifixo há uma Bíblia aberta, também sobre o tecido colorido. Na mesma direção do crucifixo há quatro castiçais também em madeira com velas acesas, sendo que ficam dois à direita e dois à esquerda. Este crucifixo e os castiçais são os mesmos que vieram da Alemanha quando da construção da Igreja. Sobre o altar ainda vemos à

ISSN: 1980-9824 | Volume III - Ano 2 | Novembro de 2007

esquerda um arranjo de flores e a direita os elementos da ceia¹⁵, o pão e os cálices de vinho, cobertos por um pano branco. A aproximadamente um metro à frente da mesa há um púlpito, como aquelas estante usadas por maestros para colocar partituras, que é utilizada para apoio do boletim¹⁶ e do hinário¹⁷.



1.1.2. Vista Panorâmica do altar da Martin Luther

Nesta foto, de amplitude maior, vemos a mesa do altar esta sobre um tablado de madeira cuja altura deve aproximar-se de 20 cm.

“Uma parte do plano de piso pode ser elevada a fim de estabelecer uma zona de espaço dentro de um cômodo ou vestibulo maiores. Esse espaço elevado pode servir como um retiro da atividade ao redor ou constituir uma plataforma para observação do espaço circundante. Dentro da estrutura religiosa, pode demarcar um local sagrado, santo ou consagrado.” (CHING, 2002:107)

E sob a mesa a um tapete vermelho¹⁸ que se estende na direção da entrada do templo, mas só chega aos dois degraus que separam a congregação¹⁹ do espaço utilizado pelo sacerdote²⁰; como se fosse uma passagem, uma transição, conduzindo para o espaço sagrado. Ao fundo vemos belos vitrais que poderão ser descritos posteriormente. À direita há uma placa memorial com o nome dos membros que morrem na I Grande Guerra. E no espaço reservado a congregação, duas fileiras de bancos longos, que acomodam 5 ou 6 pessoas, dispostos sobre dois tapetes formados pela própria cerâmica, que possui 3 motivos decorativos diferentes: um que fica sob os bancos e na área do altar; outro que determina os corredores de passagem; e o terceiro que faz um barrado no primeiro separando-o do segundo.

Ainda à direita, já no nível inferior vê-se a pia batismal e na parede um quadro de madeira, iluminado, com vários números, que são os números e a ordem dos hinos que serão entoados durante o culto. À esquerda vê-se um púlpito em

¹⁵ Requena ao falar sobre os vitrais, explica um pouco da arte gótica, e diz: “Há muito tempo, a esquerda caracteriza a região do mal e a direita a região do bem. As personagens são, pois, colocadas segundo suas qualidades ou seus defeitos.” (Requena C., 2000:25). A tradição luterana vem do período de construções góticas, a ponto de vermos que as primeiras igrejas construídas no Brasil possuem um estilo neo-gotico, como é o caso da Igreja Martin Luther. Ao observar o altar lembrei-me da frase citada acima, e poderia levantar uma hipótese de que a ceia é um fator de extrema relevância, pois seus elementos se localizam a direita da imagem central, que é a cruz.

¹⁶ Informativo utilizado para demonstrar a ordem do culto, os hinos que serão cantados, avisos e prestações de contas do dinheiro arrecadado.

¹⁷ Hinos do Povo de Deus 1 e Hinos do Povo de Deus 2

¹⁸ Vermelho vivo

¹⁹ O povo que assiste e participa de parte da celebração do culto.

²⁰ A pastora, Vera Cristina Weissheimer, no caso desta foto. Essa igreja também possui um pastor, Frederico Carlos Ludwig.

ISSN: 1980-9824 | Volume III - Ano 2 | Novembro de 2007

madeira, elevado aproximadamente 1,5m do piso da nave principal. Nesse espaço do púlpito vê-se um suporte para colocar a Bíblia que será utilizada nas leituras durante o culto²¹. Sobre este suporte há um tecido da mesma cor do que há no altar, e da faixa que esta sendo utilizada pela pastora, com símbolos em dourado. Na parede mais a esquerda vê-se outro quadro de madeira, iluminado, porem esse esta coberto por um “banner”.

Como já foi demonstrado anteriormente há espaços em que o piso é de madeira e alguns desses espaços são recoberto por um tapete vermelho. Porém, abaixo do tablado o piso é de uma cerâmica colorida, original, vinda da Alemanha. Os rodapés de madeira e os degraus são em mármore branco.

Quando se chega à igreja, pouco antes do culto, encontra-se no pequeno hall de entrada as portas do início do século XX, em madeira de 3m de altura por 1m de largura, abertas para dentro do mesmo. Há em cada porta uma argola e na da direita uma maçaneta com chave, toda trabalhada em arabescos e motivos que lembram folhas. Nesse mesmo hall há uma mesa com os boletins dominicais e um quadro de avisos. Ao atravessar o hall de entrada se é recebido pelo pastor que ministrará o culto e por mais um ou dois membros da comunidade local. Nesse momento entrega-se a quem entra uma Bíblia e os dois hinários para que a pessoa possa participar do culto.

Na hora de iniciar a celebração do culto tocam-se os sinos, nessa igreja, através de um dispositivo eletrônico. E começa o culto conforme descrito a seguir:

ORDEM DE CULTO NA IECLB

Aprovada no XXII Concílio da IECLB

Chapada dos Guimarães/MT - Outubro/2000

LITURGIA DE ABERTURA

Sino - Prelúdio

Acolhida

Cântico de entrada

Saudação (apostólica ou trinitária)

Confissão de pecados (de várias formas)

Kyrie Eleison (lamento pelas dores do mundo)

Glória in excelsis (louvor)

Oração do dia

LITURGIA DA PALAVRA

Leituras bíblicas (Lecionário)

Cânticos intermediários

Pregação (interpretação)

Confissão de fé

Comunicações (que implicam a oração da Igreja)

²¹ Como vemos a pastora Vera fazendo na foto.

ISSN: 1980-9824 | Volume III - Ano 2 | Novembro de 2007
Oração de intercessão

(Se for culto da Palavra passa para o Pai-Nosso, avisos, bênção, envio, hino. Neste caso, as ofertas podem ser recolhidas após o Credo)

LITURGIA DA EUCARISTIA

Preparo da mesa e ofertório (levar elementos da Ceia e recolher as ofertas em dinheiro)

Oração do ofertório

Oração Eucarística

Pai-Nosso

Gesto da paz

Fração

Cordeiro de Deus

Comunhão

Oração pós-comunhão

LITURGIA DE DESPEDIDA

Avisos comunitários

Bênção

Envio

Hino (Ewald, 2001:357 – 358)

O culto inicia-se com o pastor a frente do altar, atrás do púlpito e de frente para a congregação. E assim segue até o momento da oração. Em todos os momentos de oração o pastor vira-se de costas para a congregação e fica de frente para a cruz, como se estivesse conversando face a face com Jesus.

No momento da Liturgia da Palavra, o pastor sobe ao púlpito lateral e lá faz a leitura da palavra e a pregação. Descendo após a pregação e se colocando novamente na posição inicial, para continuar o culto.

Na Liturgia da Eucaristia²², faz-se a coleta da oferta, feita através de uma saco que é entregue por uma pessoa de um lado do banco e pego por outra na outra extremidade. Esse ato ocorre simultaneamente nas duas fileiras de bancos. Quando chegam ao fundo da igreja, retornam pelo centro da igreja até ao altar, onde entregam as ofertas ao pastor que faz uma oração pelas ofertas. Todas as semanas são recolhidas ofertas com finalidades diferentes, anunciadas antes da coleta, e relatada no boletim da semana seguinte. No culto que a pesquisadora assistiu foi recolhida oferta para os seminaristas que estão estudando em São Leopoldo – RS.

²² O culto que a pesquisadora assistiu na Igreja Martin Luther teve a celebração da Eucaristia e um batismo.

Arquitetura externa e identificação de grupo - Igreja Martin Luther



Igreja Martin Luther

Se o observador se situar na Avenida Rio Branco no sentido centro, em frente a localização da Igreja Martin Luther – IECLB. Pode-se verificar que esta foi implantada no lote à aproximadamente 2 metros acima do nível da do passeio, essa implantação, nesse caso construída, situa o edifício em um lugar de destaque. Um plano de base elevado acima do plano do solo estabelece uma separação visual entre seu campo e aquele do solo circundante. A elevação da base cria um domínio específico dentro de um contexto espacial mais amplo, estabelecendo um pódio ou uma plataforma que apóiam estrutural e visualmente a forma e a massa de um edifício. Ching registra em alusão as elevações, que “[...] essas técnicas têm sido utilizadas para enaltecer edifícios sagrados e honoríficos” (CHING, 2002:105)

Trata-se de uma igreja em estilo neo-gótico tendo na fachada simétrica, uma torre central - onde há a porta principal, uma janela, o local do sino e outros detalhes²³ - e duas janelas – uma de cada lado. Dentro desta implantação, ainda foi elevada de modo que se tem que subir uma escadaria para chegar à porta, um plano elevado pode definir um espaço transicional entre o ambiente externo e o interno do edifício e com já citamos essa é uma técnica utilizada para exaltar edifícios sagrados. Essa implantação situa-a como uma forma distinta no espaço e dominar seu terreno, tendo uma porção de seu terreno como um recinto externo.

Ainda sobre o aspecto geral do edifício, do ângulo em que foi tirada a foto que se encontra no cartão postal desta igreja, a partir do ponto²⁴ que começa o telhado remete uma sutil *imago* piramidal. A torre, em si, direciona ao céu, lembrando aquela imagem que Eliade descreve como o poste sagrado – que penetra no céu, no intocável, nas esferas que não pertence ao homem – que tem a função de ligar o *imago mundi* com o “sagrado”.

Na base da torre há uma saliência que nos remete, em nossa memória, às capelas. Nesta há 4 colunas e dois arcos que nos convidam e nos conduzem à entrada donde há grande e pesada porta de duas folhas. Acima dela mais eu espaço vazado onde se encontram vitrais, que têm especificamente a forma

²³ Inclusive na cúpula.

²⁴ Linha horizontal.

externa do emblema da “rosa de Lutero”. Forma esta que se repete no extremo superior da “capela”, em baixo relevo, e logo mais acima na torre na região do sino.

Considerações finais

O homem produz também a linguagem e, sobre esse fundamento e por meio dele, um imponente edifício de símbolos que permeia todos os aspectos da vida. (Berger, 1985:19).

Através de uma análise da identidade do espaço sagrado da arquitetura luterana, verificamos que há signos comuns que compõem a linguagem arquitetônica das Igrejas Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, no sínodo sudeste, mais especificamente no espaço urbano da cidade de São Paulo. Encontramos três paróquias que são a Igreja Martin Luther (central), a Lutherhaus (da Cantareira) e Igreja da Paz (de Santo Amaro); aqui trabalhamos somente a central.

Por meio de uma comparação imagética constatamos muitos signos ou como se sabe²⁵ letras do alfabeto, fases das sentenças da linguagem arquitetônica.

Na sentença escrita como coro, encontramos a mesa ao fundo do coro, ora de madeira, ora de mármore. Por vezes denominamos este como altar ou como mesa de eucaristia. Pois tem as duas funções que podemos resumi-las na palavra memorial. A linguagem desta mesa é composta por paramentos, confeccionados pela oficina de paramentos em São Paulo, crucifixos de madeira, Bíblias abertas, castiçais com velas acesas durante os cultos, arranjos de flores. Localiza-se em um plano elevado, num platô, que conforme Ching (2002, p.105) é técnica utilizada para enaltecer o sagrado.

Ainda sobre o coro verificamos que completam a “sentença” elementos como vitrais e placa memorial com o nome dos que morreram na I Grande Guerra – que só ocorrem na Martin Luther, e elementos recorrentes como pia batismal, púlpito e quadros de madeira que eram, ou são, usados para demonstrar a ordem dos hinos que são cantados durante a celebração do culto.

Constatamos com referência aos crucifixos que na igreja mais antiga, a Martin Luther, ele apresenta o “Cristo” pregado, com coroa de espinhos e o corpo semi-nú. O período e o estilo arquitetônico de construção dessas igrejas em uma relação, que se intersecciona, diversas vezes, mas mais importante que a forma ou a técnica utilizada para a construção de seu espaço, é a identidade do grupo. Quando por volta do final da década de 1960 se define símbolos, e a própria identidade da IECLB, modifica-se o “olhar”, deve a identidade luterana prevalecer.

Isso, porém não se trata de uma idéia nova, brasileira, trata-se de um pensamento luterano. Desde as primeiras igrejas construídas nas Américas, elas, são a identidade étnica de um grupo social, no caso Luterano, seja ele alemão, russo, eslavo, etc. Vemos isso quando se visita o Museu da Imigração Alemã, em Nova Petrópolis – RS, a igreja ali reconstruída é uma réplica de um estilo utilizado pelos luteranos na Alemanha do período em que ele imigraram

²⁵ Conforme Choay (1979, p323-327), Victor Hugo em seus textos *Notre Dame de Paris*, *Ceci tuera cela*, *Roman's* e *Paris à vol d'oiseau*, trata a cidade, a arquitetura e o urbanismo, como o livro de pedra. Uma linguagem escrita para gerações futuras.

para o Brasil, que difere do modelo arquitetônico Católico adotado no Brasil, desse período. A primeira igreja de São Paulo, a Martin Luther (1906), é extremamente semelhante a essa que existe no Museu da Imigração Alemã, em Nova Petrópolis – RS; e falando em estilos arquitetônico, também é a primeira igreja, construída, no estilo neo-gótico da cidade de São Paulo²⁶

Na sentença escrita como nave é composta basicamente de fileiras de banco, órgão – na Martin Luther há órgão de tubos, um tapete, vermelho, que em todas desempenha uma função de transição, de passagem do menos sagrado²⁷ para o sagrado - altar. Na nave da Martin Luther há um trabalho feito em cerâmica, são três motivos diferentes que fazem um tapete onde se localizam os bancos, outro que faz o barrado deste primeiro e um terceiro que é usado nos locais de passagem.

Outro signo é a existência do sino. Todos esses elementos, ou quase todos, são utilizados direta ou indiretamente na liturgia luterana

Na leitura da linguagem externa vemos hoje uma igreja enclausurada – Martin Luther. Foi implantada sobre elevações de modo a se destacar no plano horizontal e gerar um enaltecimento honorífico ou sagrado.

Na construção do discurso arquitetônico das Igrejas Evangélicas de Confissão Luterana no Brasil, teve seus argumentos e a forma como são articulados, não são determinados diretamente pelo estilo arquitetônico que envolve o espaço sagrado. A linguagem utilizada foi assim determinada pela identidade luterana²⁸, pelos seus símbolos, pelo uso e o significado de cada um deles em seus ritos e sacramentos.

Através da análise do espaço sagrado na arquitetura da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em São Paulo, podemos verificar, no sentido de identificar uma religião através de sua arquitetura (linguagem) desenvolvemos nossa análise. Segundo Durkheim, em todas as religiões supõe-se uma classificação de coisas designadas geralmente por sagrado e profano que apresentam caráter comum, sendo necessário e possível indicar certo número de sinais, símbolos, exteriores e interiores, facilmente perceptíveis que permitam reconhecer os fenômenos religiosos.

Também vimos sua importância para a história da cidade e da arquitetura como a 1ª igreja construída em estilo neo gótico em São Paulo, a tal ponto que foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Cultural.

²⁶ A Catedral da Sé é a terceira igreja neo-gótica de São Paulo

²⁷ Não podemos usar o termo profano pois a nave já faz parte do sagrado, do espaço separado do caos (profano)

²⁸ Da comunidade que reunida ou não se denomina luterana.

Bibliografia

A Igreja Cristã, a Reforma e IELB : <http://www.ielb.org.br/história/origens2.htm>
Acesso em 13 de dezembro de 2004

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, São Paulo: Martins Fontes, 1998, 3ª edição.

ABUMANSUR, Edin Sued. *As Moradias de Deus: Arquitetura de Igrejas Protestantes e Pentecostais*, São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004

ARAUJO, Cristiane Ribeiro de Mello. *Arquitetura e Mudança Social* in: BIANCO, Gloecir. *Religare: Identidade, Sociedade e Espiritualidade*, São Paulo: All Print, 2005.

CARVALHO, Neuza Guerreiro de. Igreja da Consolação
<http://www.saopaulominhacidade.com.br/list.asp?ID=385> acessada em 26/10/07 as 8h.

CHING, Francis D.K.. *Arquitetura: forma, espaço e ordem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CHOAY, Françoise. *O urbanismo*, São Paulo: Perspectiva, 1979.

COELHO NETTO, J. Teixeira. *A construção do sentido na Arquitetura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

DURKHEIM, Émile (1858-1917) *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

DURKHEIM, Émile (2000). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992

EWALD, Werner, LICHTLER, André, OST, Flávio et al. *Hinos do Povo de Deus 2*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa Folha/Aurélio*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S/A, 1995.

FILORAMO, Giovanni e Carlos Prandi. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999

FRANCISCO MADIA, Praia do Forte, especial para o
MADIAMUNDOMARKETING Os grandes livros do marketing: marketing básico:
<http://www.mmmkt.com.br/landmarketing/land26204/land2.asp> Acesso em 22 de maio de 2004.

Hebmüller, Paulo <http://www.luteranos.com.br/articles/5031/1/Historico/1.html>
consultados dia 25/10/2007 as 18h

ISSN: 1980-9824 | Volume III - Ano 2 | Novembro de 2007

HUGO, Vitor. *O urbanismo culturalista*, in: CHOAY, Françoise. *O urbanismo*, São Paulo: Perspectiva, 1979.

Igreja da Sé. http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/2-1_matriz_saopaulo.asp acessada em 26/10/07 as 8h.

LEMOS, Carlos A. C., *O que é Arquitetura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo
<http://www.catedralonline.com.br/> acessada em 01/11/2007 as 8h.

SCHÜNEMANN, Rolf. *A Igreja Evangélica Luterana de São Paulo 100 anos*, in: *Igreja Evangélica Luterana de São Paulo: 1891-1991*, Centro de elaboração e divulgação de material da União Paroquial de São Paulo, 1991, p 6-10

VILLAS-BOAS, Andri. *Identidade e cultura*, Rio de Janeiro: 2AB, 2002.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2001.

WEBER, Max. A psicologia social das religiões mundiais. In: *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1979.